**Revista Psicologia e Transdisciplinaridade**
Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

# Pandemia e "negacionismos": notas e considerações a partir da psicanálise

## Pandemic and "negationisms": notes and considerations from psychoanalysis

## Pandemia y "negacionismos": notas y consideraciones del psicoanálisis

Deborah Lima KLAJNMAN [1]

**Resumo**: Visamos problematizar os impactos da pandemia à subjetividade e à vida humana, levantando consequências que poderão tecer críticas às formações sociais, em termos governamentais e de Estado. Construímos a base argumentativa do artigo nos amparando no referencial clínico-teórico e ético-político da Psicanálise de Freud e Lacan. Trata-se de uma revisão de literatura que teve por base refletir os eventos recentes no Brasil, em razão do COVID-19. Levando em consideração as estatísticas atuais, acreditamos ser evidente a *recusa* do Estado brasileiro em reconhecer a real ameaça da pandemia COVID-19 às pessoas. No decorrer do texto ensaiamos discussões em torno dos aspectos políticos, éticos e psíquicos, relativos ao fenômeno COVID-19 e as suas consequências. Compreendemos que este tripé representa um importante eixo de discussão que deveria interessar a Psicanálise. Embora este texto tenha o seu caráter denunciativo, julgamos ser fundamental posicionamentos contundentes neste importante momento de crise sanitária vivido no mundo.
**Palavras-chave**: Psicanálise. Negacionismo. Brasil. Pandemia. COVID-19.

**Abstract**: We aim to problematise the impacts of the pandemic on subjectivity and human life, raising consequences that may weave criticism to social formations, in governmental and State terms. We built the argumentative base of the article based on the clinical-theoretical and ethical-political referential of Freudian and Lacanian psychoanalysis. This is a literature review based on reflecting the recent events in Brazil, due to COVID-19. Taking into consideration the current statistics, we believe it is evident the refusal of the Brazilian State to recognize the real threat of the COVID-19 pandemic to people. Throughout the text we rehearse discussions around the political, ethical and psychic aspects, concerning the COVID-19 phenomenon and its consequences. We understand that this tripod represents an important axis of discussion that should interest Psychoanalysis. Although this text has a denunciative character, we believe that it is fundamental to take a strong position in this important moment of health crisis experienced in the world.
**Keywords**: Psychoanalysis. Negationism. Brazil. Pandemia; COVID-19.

**Resumen:** Pretendemos problematizar los impactos de la pandemia en la subjetividad y la vida humana, planteando consecuencias que puedan tejer críticas a las formaciones sociales, en términos gubernamentales y estatales. Construimos la base argumentativa del artículo a partir del referencial clínico-teórico y ético-político del psicoanálisis freudiano y lacaniano. Se trata de una revisión bibliográfica basada en el reflejo de los recientes acontecimientos en Brasil, debido al COVID-19. Teniendo en cuenta las estadísticas actuales, creemos que es evidente la negativa del Estado brasileño a reconocer la amenaza real de la pandemia de COVID-19 para las personas. A lo largo del texto se ensayan discusiones en torno a los aspectos políticos, éticos y psíquicos, relativos al fenómeno COVID-19 y sus consecuencias. Entendemos que este trípode representa un importante eje de discusión que debe interesar al Psicoanálisis. Aunque este texto tiene un carácter de denuncia, creemos que es fundamental tomar una posición fuerte en este importante momento de crisis sanitaria que se vive en el mundo.

**Palabras-clave**: Psicoanálisis. Negacionismo. Brasil. Pandemia. COVID-19.

[1] Professora universitária pela Universidade Estadual de Londrina e Faculdade 9 de Julho, doutora em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com cotutela em Psicologia pela Université Côte dazur (UNICE- França), mestre em Clínica e Pesquisa em Psicanálise pela UERJ, especialista em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) e graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: deborah.kla@gmail.com, ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2429-5582

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

## Introdução

O artigo que se apresenta tem como função pensar sobre as respostas dos sujeitos frente à pandemia, organizados enquanto sociedade e posicionados no laço social como entes singulares, afetados pelo inconsciente como o são (LACAN, 2012). Enfatizamos a pertinência de se abordar este tema, visto que, até à altura em que este artigo estava sendo escrito se vivenciava no território brasileiro, em decorrência do COVID-19 (Coronavirus Disease [Doença do Coronavírus]-19), fenômenos nomeados pela grande mídia social e digital de "negacionismo". A pretensão é instrumentalizarmos essa discussão, em torno do que se ouve comentar como "negacionismos", sob o ponto de vista da Psicanálise.

Entendemos que só poderíamos, a rigor, falar de sofrimento às vítimas do COVID-19, e às pessoas que estão ao entorno, em um cenário em que reconheçamos o problema como tal, enquanto sujeitos, atores sociais, e sociedade. Nessa perspectiva levantaremos a hipótese de que o sujeito diante do encontro com o Real, que poderá ser a vida humana diante de uma pandemia, tem o seu psiquismo abalado. Dentro desse viés desdobraremos alguns pontos: o conceito de realidade psíquica e principalmente o de *Verneinung*, ambos permeados pela relação intrínseca entre o sujeito e o laço social[2].

Neste momento historicamente inédito para a humanidade, torna-se necessário refletirmos sobre estes pontos, principalmente pela maneira como se dá a transmissão do vírus. Uma vez que, na particularidade desta pandemia, em um mundo globalizado, estamos tratando de um mal-estar que por efeito, sintomático ou assintomático em sua manifestação, poderá também atingir outras pessoas que fazem parte do convívio do seu próprio núcleo de relações. Encontramos no conceito de negação um instrumental de análise profícuo na compreensão das respostas do sujeito em face a um vírus ferozmente contagioso e letal. Sendo a negação uma operação que elide o sujeito, possuindo efeitos no laço social, quais seriam tais desdobramentos num contexto pandêmico? Outro ponto que se desdobra a partir do que expomos são as noções de urgência social e subjetiva, questões nodais no que diz respeito ao entrelaçamento da realidade social à realidade psíquica.

Embora seja óbvia esta nuance, sustentamos, localizados em Freud (2020) e Lacan (1999), que o sujeito e a sua realidade psíquica, não estão totalmente "imunizados", alheios, frente aos acontecimentos que ocorrem ao seu redor. Afinal, recuperando Lacan (1999), não é o sujeito aquele que atravessa a floresta dos significantes, constituindo-se como sujeito, pelas mãos de um

[2] Traduzido como negação, negativa ou denegação.

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

semelhante? Essa pontuação de Lacan tem consequências importantes em seu ensino mais adiante, quanto às relações do campo da vida social e material junto à dimensão psíquica, são referências que aproximam a Psicanálise dos escritos de Marx (LACAN, 1974-75; 1977-78; 1992; 2008).

Propomos problematizar a pandemia e os seus impactos à subjetividade, igualmente à vida humana, levantando deste trabalho consequências que poderão tecer críticas às formações sociais, em termos governamentais e de Estado. Construímos a base argumentativa do artigo nos amparando no referencial clínico-teórico e ético-político da Psicanálise de Freud e Lacan. Trata-se de uma revisão de literatura que teve por base refletir os eventos recentes no Brasil, em razão do COVID-19.

Buscamos pensar sobre os acontecimentos que tem abalado os sujeitos após a eclosão da pandemia. Abordamos esta questão tendo em vista o exemplo fatídico, na luta pela preservação das vidas humanas face à infecção do vírus, de algumas representações políticas estatais ao redor do mundo. O Brasil tem destaque neste aspecto, sendo até aqui o segundo país do mundo com o maior número de infectados e mortos pela pandemia[3].

Consideramos neste trabalho que a psicanálise não possui como única via a escuta analítica realizada no consultório, em que o ato analítico preconiza, a partir de um certo esvaziamento político e subjetivo, dar lugar àquele que conduz o tratamento a partir da técnica psicanalítica fundamental, o analisante. Mas também uma leitura que acrescida à práxis comum do consultório, guiada por um posicionamento ético próprio da psicanálise, não precisa ser pautada em uma não neutralidade. Neste sentido, permitimo-nos incluir igualmente o exercício de um trabalho de análise noutros espaços que não unicamente o tradicional *setting* analítico.

## Realidade psíquica e denegação

> "[...] não há um signo de realidade [*Realitätszeichen*] no inconsciente, de forma que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção investida com afeto" (FREUD, 2018, p. 48).

Foi a partir do abandono da teoria da sedução e ao se debruçar sobre a teoria da fantasia (2016), que Freud pôde construir a psicanálise enquanto prática e teoria, evidenciando que a noção de realidade é um dos pontos centrais para a psicanálise. Nesta passagem Freud também indica que a diferenciação entre a realidade factual ou efetiva e a realidade psíquica torna-se cada vez mais dispensável. Lacan, em sua releitura de Freud acena que "...a interpretação pela

[3] Fonte: https://bing.com/covid.

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

qual se opera a mudança psicanalítica incide justamente onde o dizemos: naquilo que recorta essa realidade por se inscrever nela sob a forma do significante. [...]" (LACAN, 2001, p.352-353).

Se a realidade decisiva para uma análise é, portanto, aquela da fala, a partir dos significantes ditos e principalmente entre os ditos, revelando para cada sujeito a verdade entre significante e significado (LACAN, 1999); como se dá a realidade psíquica para além da experiência analítica? E ainda, como ela se dá no nível dos grupos? O apontamento que Lacan realiza pode indicar uma direção, uma vez que: "O psíquico...não é feito de acordo com uma realidade que é dura, com a qual só existe relação quando se tromba com ela: uma realidade da qual o sólido é a melhor metáfora" (LACAN, 2001, p.353).

Ao nosso ver, adicionaríamos a esta citação, de que a realidade, no modo em que se apresenta, é muito mais do que o factual ou o observável. O psíquico se inscreve no laço social por meio dos significantes que vêm do Outro, ou seja, há na realidade encontrada pelo sujeito mais do que a solidificação de uma presença, mas também um regime de sentidos, depois transcritos como inconscientes. Esses sentidos dizem respeito aos ideais, aos valores e às garantias de escolhas veiculadas na sociabilidade entre as pessoas. Contudo, lembramos que LACAN (2008) defende à práxis analítica uma necessária direção de trabalho pautada numa história que é materialista, no Materialismo Histórico. Isso implica em considerarmos que é o modo de viver a experiência que possibilita criar as significações inerentes a ela, capazes de em algum momento poderem se ressignificar, a concepção de *savoir-faire* parte deste entendimento (MARX, 2003).

Diante da estranha temporalidade revelada pela psicanálise, aquela que não é orientada por *cronos* podemos, neste instante, que ainda parece ser o de olhar, algo compreender dos atuais eventos provocados pela pandemia? (LACAN, 1998). Buscamos recolher alguns desdobramentos diante de realidades factuais, impostas por um vírus que não se pode ver, mas que pode matar vidas humanas. O outro ser humano e nosso próprio corpo se transformam em potencial perigo. Nesta conjuntura, há a eclosão de diversas situações de extremo temor a partir de uma série de perdas de diferentes ordens e de contaminação iminente, situação que, ao tocar o insuportável do desamparo fundamental estruturante de cada *parlêtre* (falasser)[4], atualiza a cena deste desamparo em grau exponencial.

[4] "que o homem vive do ser (= esvazia o ser) enquanto tem seu corpo [...]: daí a minha expressão parlêtre (falasser) que virá substituir o ICS de Freud [...]" (LACAN, 2003, p. 561).

Isto posto, algumas tentativas de soluções psíquicas podem ser pontuadas como formas de lidar com uma situação extrema frente a qual vivenciamos. No que diz respeito aos seus efeitos singulares, como sabemos, só teremos notícia no caso a caso e em outro tempo, num tempo de compreender, isto é, a posteriori. No entanto, no paradoxo[5] próprio à psicanálise, podemos falar de possibilidades de saídas psíquicas no que toca o para além do sujeito e suas singularidades, isto é, o que está e vem sendo posto no laço social. Dentre elas sobressaltamos a negação como uma das raízes das soluções ou *formações de compromisso* que, em seus diferentes níveis e especificidades, compreende uma das principais formas de lidar com aquilo que é da ordem do insuportável.

Algumas delas, no mínimo três, Lacan retomara enquanto linguagem específica de cada estrutura psíquica, a partir do que Freud nomeia de mecanismos de defesa: diferentes formas de negar a realidade insuportável da castração. Neste viés, estruturalmente a constituição do sujeito só existe por meio de uma exclusão, e sem a qual a vida do ser falante não seria possível. Isso quer dizer que o modo de negar – de dizer não, de eliminar aquilo que, se não for eliminado, não se pode viver – fará toda a diferença na constituição de cada sujeito. É necessário que uma perda aconteça; a afirmação de um "não" para que se exista enquanto sujeito falante. Será o modo de exclusão disso, que é da ordem do real, do real da castração, que determinará o arranjo psíquico de cada sujeito, o seu modo singular de estar na linguagem.

Destarte, se há uma perda para todo sujeito, e sendo ela uma operação da constituição psíquica, quais seriam, então, os tipos dessa perda? Uma série de termos empregados com frequência por Freud, iniciados com o prefixo *Ver-*[6], pode nos orientar nesta resposta. São eles: *Verwerfung* (rejeição), definido por Lacan como *foraclusão*; *Verleugnung* (desmentido) e *Verdrängung* (recalque). Mecanismos de defesa, que em seu ensino, Lacan, elevará a condição de operações referentes a estruturas psíquicas, respectivamente a psicose, a perversão e a neurose.

Além dos três mecanismos citados *Verwerfung, Verleugnung* e *Verdrängung*, consideremos outro nível de funcionamento da negação, este relacionado ao recalque, do qual destacamos, também construída com o mesmo prefixo: a *Das Verneinung*. Traduzida por

[5] Se por um lado a psicanálise preconiza um trabalho a partir do caso a caso, isto é, circundando aquilo que há de mais singular em cada sujeito; por outro, há também um trabalho com o Universal, compreendido nas definições pertinentes às operações psíquicas, mecanismos de defesas, estruturas e diagnósticos clínicos.

[6] Dada a natureza prefixal do termo, sabemos que seu emprego não se dá isoladamente na língua alemã, logo é usado como um elemento inseparável, não possuindo significado próprio. Apesar disso, quando conectado a certos verbos, substantivos ou adjetivos, ele pode engendrar distintos significados (GRAPPIN, 2007).

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

"negativa" e "negação" pelas traduções brasileiras, a mais recente delas[7] salienta dois sentidos que Freud teria se referenciado ao empregar o termo alemão: lógico, gramatical e psicológico. Apesar do segundo ser aquele que mais nos interessa imediatamente, a hipótese é de que Freud teria feito uso de ambos, tanto em sua dimensão linguística como conceitual (FREUD, 2018, p. 311). Os frutos das discussões realizadas por Jean Hyppolite e Lacan (1998), por sua vez, sugerem o termo *denegação*, destacando a dupla negação desta operação psíquica. Isto é, o conteúdo de um desejo recalcado (posto como a primeira), só pode ser manifestado sob a égide da negação (caracterizando a segunda negação).

Em uma compreensão constitutiva do sujeito, pautada em uma realidade coordenada pelo princípio de prazer, o infans, na tentativa de ejetar (*werfen*) o que é sentido enquanto desprazer, como a tensão endógena (que posteriormente, em sua relação com o Outro, poderá ser compreendida como fome), alucina o seio da mãe (FREUD, 2003; LACAN, 1999). Este mecanismo exemplifica aquilo que Freud afirma sobre o que pode ser apontado enquanto inauguração da vida psíquica: "O Eu-prazer (*Lust-Ich*) originário quer (...) introjetar- se tudo o que é bom e *jogar fora* (*Werfen*) tudo o que é mau" (2018, p. 316)", isto é, ele exclui de parte do Eu a tensão sentida e julgada enquanto desprazerosa e introjeta aquilo que avalia como prazeroso. Desse modo, o mundo externo fragmenta-se para o Eu em prazer, aquilo que é introjetado a si mesmo, assim como o seio; e o restante, permanecendo-lhe alheio. Seguindo esta leitura percebemos que a afirmação freudiana de 1925 torna-se clara se tomamos o que ele escrevera décadas antes, em seu mito da primeira satisfação, ponto que também é retomado em "Pulsões e suas vicissitudes" (2013), quando há a indicação de que a parte do próprio Eu, sentida como desprazer é projetada no mundo externo, e assim, a polaridade Eu e prazer coincidem novamente, tal como mundo externo e desprazer.

Um outro nível de ação da negação apontado por Freud ao tratar sobre a *Verneinung*, realça os efeitos (ou seriam não-efeitos?) do discurso no instante em que, numa análise, o paciente "rejeita" aquele que seria o sentido pontual de uma nova representação evanescente. Fica claro, a partir desta leitura, que o material que possuiu como destino o recalque pôde emergir a partir da condição negativa. É isto o que compreende o sentido sugerido pela escola francesa: a *Verneinung* como uma operação caracterizada por uma dupla negação. Freud elucida:

> [...] uma bela contrapartida a essa experiência se apresenta pelo neurótico obsessivo, que já foi iniciado na compreensão de seus sintomas: 'Ocorreu-me outra ideia obsessiva. Imediatamente me

[7] Autêntica, tradução de Maria Rita Salzano Moraes, 2018.

> ocorreu que ela poderia significar esta determinada coisa. Mas não, não pode ser verdade, senão ela não poderia ter me ocorrido.' O que ele *rejeita* (*verwirft*), tomando essa justificativa que ouviu com atenção no tratamento, é, naturalmente, o sentido correto da nova ideia obsessiva (FREUD, 2018, p. 305, *grifo nosso*)

No que diz respeito à etimologia, a ideia de negação pode ser compreendida em um emprego foraclusivo, através das ideias de falta e perda, isto é, àquilo que é excluído da realidade do enunciador. Nestas balizas, utilizando-se do fragmento acima, Freud alude à probabilidade de o paciente não admitir uma ideia por meio de uma negação. Para defender esta hipótese, ele não recorre ao verbo *werfen*, como na primeira citação ilustrada, mas ao verbo *verwerfen*. Para prosseguir em uma compreensão sobre a distinção entre esses termos, servimo-nos da língua portuguesa e francesa, em que as traduções se exprimem como ejetar e rejeitar, respectivamente *jeter* e *rejeter*. Nessas duas línguas, ambas de origem latina, o prefixo *re* admite ideias equivalentes a retrocesso, repetição ou esforço; contudo, nem sempre rejeitar significa ejetar novamente. Em uma acepção arcaica da língua francesa, igualmente válida na língua portuguesa, o termo *rejeter*/rejeitar é utilizado no sentido de vomitar, exprimindo a ideia de expulsão. Nesta perspectiva, não se trata de ejetar algo outra vez, mas de ejetá-lo em um sentido oposto àquele em que foi recebido, forçando-o para fora de onde se encontrava. Ao se apoiar na concepção freudiana de aparelho psíquico, uma metáfora possível é a do aparelho digestivo, em que tal como aquilo que é incorporado pode ser absorvido ou vomitado, o real pode ser digerido e inscrito no simbólico ou cuspido, negado, de modos variados.

Nesta acepção, se o que for ejetado (a partir da ideia de *werfen*) de onde se encontrava pode retornar, sendo jogado novamente para dentro, para si próprio; o que foi rejeitado (*verworfen*) é definitivamente e radicalmente excluído. Trata- se, pois, de dois mecanismos de defesa para lidar com o real: compreendendo uma possibilidade e uma impossibilidade de retorno. É importante, todavia, destacar que com essa hipótese tratamos da diferenciação entre o que para a psicanálise lacaniana é compreendido como o mecanismo constituinte da estrutura psicótica enquanto uma negação radical (foraclusão), sem possibilidade de reversibilidade simbólica, e por outro lado, o que diz de uma negação em outro nível. A operação psíquica relativa à ação expressada em *werfen* pode ter como efeito fenômenos psicóticos, o que não determina necessariamente uma psicose e suscitaria uma possível reversibilidade simbólica.[8] Como nesta investigação não estamos pondo em questão o âmbito estrutural constitutivo, é o mecanismo relacionado a operação de ejetar (*werfen)* que nos interessa.

[8] Essas ideias são elaboradas ainda mais detalhadamente em um artigo de autoria de Klajnman e Vivés (2019).

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

A partir dessa digressão, nos perguntamos: parece que Freud nos indica que existem consequências de não "querer" saber; mas quais seriam elas? E ainda mais especificamente acrescentando: uma vez que a realidade possui valor de ficção, sendo ela fundada pelo discurso, quais são as consequências desse horror ao saber, que se dá em níveis distintos de negações, no âmbito social? É o que pretendemos abordar no próximo item.

## A especificidade brasileira, negação e pandemia: repetição?

Se no item acima abordamos, a partir da etimologia, ao menos dois diferentes termos utilizados por Freud como distintas operações e seus possíveis efeitos psíquicos; neste item pretendemos ampliar essas acepções na tentativa de articulá-las em nível social e seus efeitos na contemporaneidade.

A Bielorrússia, Nicarágua e Turcomenistão, ficaram conhecidos pela mídia como Estados "negacionistas da Covid-19", negando à sua maneira o estado de emergência da Saúde Pública em âmbito internacional, situação pandêmica caracterizada pelo mais alto nível de alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS), posta pela ameaça do vírus. Se por um lado os termos "negacionista" e "negacionismo" parecem ter sido aderidos por parte do senso comum; por outro, aqui gostaríamos de propor uma análise relacionando ao que anteriormente tratávamos como negação por Freud em seu nível constitucional. Ou seja, aquilo que é próprio do Eu, mas que sendo compreendido como desprazeroso é negado, excluído ou até mesmo projetado. Para realizar esta análise nos servimos, novamente de Freud e Lacan.

Estes três países formam o que Oliver Stuenkel[9] chamou de "aliança de avestruz", nos remetendo a referência que Freud realiza ao abordar os desafios de um tratamento analítico, quando recorrentemente o paciente, em um "comportamento recalcante..." (FREUD, 2018, p. 157), adota "a política de avestruz contra as origens da doença" (FREUD, 2018, p. 157). Neste texto, mais uma vez Freud indica uma condição em que o analisando não pode escutar o seu próprio enunciado, afastando-se ainda mais daquilo que ele nomeia como "fazer as pazes com o recalcado" (FREUD, 2018, p. 157), isto é, como aquilo que, em outras palavras, por ser insuportável, é preciso que se mantenha recalcado, negado.

Não parece ser exagero aqui aproximar essas três figuras autocratas, líderes de seus respectivos países, representando um conjunto de práticas que os cercam, ao que Freud nomeia,

[9] Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/19/interna_internacional,1140059/covid-19-desafia-3-autocratas-de-grupo-cetico-apelidado-alianca-do-av.shtml.

não coincidentemente, de "*política* de avestruz". Nesta orientação, fica claro que a psicanálise se contrapõe a um discurso totalitário, desde Freud, em que há menos lugar para o sujeito, suas singularidades e desejos. Não podemos deixar de constatar que o Brasil entra nessa série[10], possuindo tal política, seguindo uma lógica que não parece inédita em sua história. Alexander Lukashenko (Bielorrússia) indicou o consumo de vodka e idas a sauna para lidar com o vírus[11]. Daniel Ortega (Nicarágua), após sumir por mais de um mês em meio a pandemia afirmou que o vírus é sinal de Deus[12]. Gurbanguly Berdimuhamedow (Turcomenistão), sob ameaça de prisão, proíbe que seja dito o nome da doença, afirmando que não há casos de vírus em seu país[13]. Jair Messias Bolsonaro (Brasil), por sua vez, chamou o vírus que vem matando milhares de pessoas pelo mundo, e no Brasil atinge números dantescos, de "gripezinha ou resfriadinho"[14]. Em seguida, em relação às inúmeras mortes e número de infectados, em razão da pandemia, noutra entrevista à mídia brasileira, Jair Bolsonaro respondeu a uma pergunta de um repórter: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?"[15], quando foi convocado a falar sobre o crescente número de mortos no Brasil.

Os respectivos quatro chefes de Estado foram contra o isolamento social, única medida possível, conhecida até então, para conter os números de mortos e infectados até que uma vacina seja viabilizada. O isolamento social foi preconizado pela OMS, apoiado massivamente por cientistas de diversas partes do mundo, medida que é corroborada de modo empírico desde a pandemia da gripe espanhola, no século XIX (CORREIA, LUCK, VERNER, 2020).

Ora, parece haver uma relação entre este "não querer saber" que tratamos aqui e aquilo que Freud aponta como uma das formas de resistir ao caminho próprio de uma análise. O que podemos recolher como desdobramentos em uma possível homologia entre posições e atos políticos praticados por chefes de Estado (que obviamente possuem efeitos no social) e a

[10] Assim como a revista britânica *The economist* fez. In: https://www.economist.com/the-americas/2020/04/11/jair-bolsonaro-isolates-himself-in-the-wrong-way

[11] Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/31/presidente-da-belarus-mantem-estadios-abertos-e-recomenda-vodka-e-sauna-contra-covid-19.ghtml

[12] Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/presidente-da-nicaragua-reaparece-e-diz-que-covid-19-e-sinal-de-deus/

[13] Disponível em: https://super.abril.com.br/sociedade/ditador-do-turcomenistao-proibe-uso-da-palavra-coronavirus/

[14] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52028945.

[15] Disponível em: https://exame.abril.com.br/brasil/e-dai-diz-bolsonaro-apos-brasil-superar-china-em-mortes-por-covid-19/

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

singularidade de cada sujeito? Destacamos duas saídas psíquicas possíveis para lidar com esse real avassalador caracterizado pela pandemia provocada pelo Corona Vírus – COVID-19 em tempos de globalização. Por um lado, como elencamos acima, temos a negação, *Verdrängung*, *Verneinung*, *Werfen*, como exemplo. Por outro, estamos na direção daquilo com o que a psicanálise trabalha: uma forma de tratamento do real, que ao reconhecê-lo enquanto tal, possibilita uma decisão ética do que se pode fazer apesar dele. O que se pode fazer com aquilo que "...não tem governo nem nunca terá".[16]

Em uma breve análise histórica e sociológica a partir da psicanálise enquanto ferramenta de leitura, a especificidade atual do caso brasileiro parece indicar um caminho já percorrido, próximo àquele vivenciado na ditadura militar, que por sua vez repete o antigo e ao mesmo tempo atual regime escravocrata, cada vez mais claramente observável contemporaneamente como uma política genocida. Verificamos muito facilmente esse fato em nomes de ruas e avenidas em nosso país: aqueles que são relembrados reavivam, reatualizam o período da ditadura militar, enquanto é estabelecido o apagamento de outro lado da história, aquela que nos constituiu enquanto ferida caracterizada pela colonização, o genocídio indígena e os terrores da escravidão.

Outro fato que pode ser constatado nos livros de história do ensino infantil da rede pública é o conto de um certo descobrimento do Brasil, tendenciado a um lado da história, sem retratar os horrores da outra face: um discurso de evangelização jesuíta e o genocídio daqueles que eram originalmente moradores da terra brasileira. Isto é, por séculos, a história ensinada foi aquela proveniente do lado do colonizador e não a do nosso próprio povo de origem. Parece que ainda se está num tempo de compreender (LACAN, 1998) que o descobrimento foi, na verdade, uma invasão às terras indígenas, escravidão e extermínio de grande parte daquele povo. Ou se trataria aqui de uma negação?

Outro ponto a destacar provém da própria história da escravidão de africanos no Brasil. Dentre outros fatos, podemos citar três casos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro[17], como supostos exemplos da tentativa de apagamento da memória: o Cemitério dos Pretos Novos[18], encontrado coincidentemente durante uma obra em uma residência, no ano de 1996; o Sítio

[16] Trecho da música de Chico Buarque: "O Que Será (À Flor da Terra)".

[17] Um dos principais portos de desembarque de escravos africanos (FLORENTINO, 2015).

[18] Disponível: http://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/.

Arqueológico do Cais do Valongo, no centro da cidade, que representa o principal cais de desembarque de africanos escravizados em todas as Américas, aterrado no ano de 1911 e descoberto 100 anos depois, em 2011 durante obras da prefeitura da cidade,[19] sendo o único que se preservou materialmente. E, por fim, sete anos depois, em 2018, na contingência de escavações de obras com fins de mobilidade humana, quando novamente foram encontradas indicações de cemitérios de escravos, que teria funcionado antes daquele localizado no Cais do Valongo.

Aqui colocamos uma questão com o intuito de repensar o nosso tema principal: haveria alguma relação entre estes exemplos figurativos, aquilo que estamos trazendo como política genocida e o que poderíamos nomear enquanto uma espécie de recalcado social, isto é, aquilo que em uma política de avestruz continua a produzir sintomas, este também de âmbito social?

Aqui cabe resgatar a comparação e a aproximação entre o analista e o arqueólogo, realizada por Freud (2018), a partir da ideia calcada na construção ou reconstrução de algumas estâncias destruídas. Posteriormente, nesta comparação ele diferencia as duas profissões pelo fato de que se, para o arqueólogo a reconstrução é o objetivo e o final de seus empenhos; para o psicanalista, a construção se constitui apenas enquanto um trabalho preliminar, uma vez que em sua função, o analista possibilita dar lugar àquilo que já está ali, mas que ainda não foi visto ou compreendido.

A partir dos exemplos retomados procuramos colocar em xeque uma política que reafirma a *negação* do direito à vida e à memória, principalmente no que diz respeito a um lado da nossa história, aquele que pertence a alguns grupos específicos de pessoas, o que podemos compreender enquanto minorias sociais, aqui destacados enquanto classes economicamente desfavorecidas, afrodescendentes, indígenas [povos originários], gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Por que não foi visto ainda, escutado, lembrado e pouco foi posto em análise? Se por um lado sempre há na História algo dimensionado enquanto perdido; por outro, valeria perguntar que história perdida é essa que se destaca em nosso tempo, esta que diz respeito a uma forma de relação social. Quais os efeitos de uma sociedade que foi colonizada e regida por séculos através de um regime escravocrata, (re)lembrar somente de parte da história daqueles que "venceram" e a colonizaram? Por que não se fala, ou pouco se fala, daqueles que foram colonizados, "derrotados", escravizados? Ou daqueles que morreram em nome de sua própria história, tal como Zumbi dos Palmares e Antônio Conselheiro? Quais efeitos possuem esta não recordação? Com as indicações de Freud (2018), sabemos que ao não se recordar, se repete em ato sem saber o que está se repetindo.

[19] "À flor da terra: O cemitério dos Pretos Novos do Rio de Janeiro" (PEREIRA, 2007).

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

Recuperar a história brasileira (SOUZA, 2019), olhar para ela, de forma homóloga tal como a experiência analítica se propõe, nos parece fundamental para compreender o momento atual e quem sabe reescrever diferentes formas de governos e políticas. Diferente da estratégia governamental vigente, apoiada na ideia de que existem sujeitos constituídos como matáveis, quer seja pela sua cor de pele ou pela sua condição social e econômica, parece ser o que autoriza neste contexto pandêmico uma possibilidade de quebra do isolamento. O cenário que se coloca enquanto uma decisão política tomada pelo chefe do executivo brasileiro é propícia para que haja um maior risco de infectados e efetivamente mais mortes.

Na contramão do que pode ser compreendido como Estado, aquele que deveria coordenar ações para que não falte o essencial, garantindo uma vida digna para os seus cidadãos, o Estado Brasileiro em sua configuração atual, parece atualizar a sua história enquanto constitutiva, suas inscrições marcadas desde a colonização, vem seguindo o que, em uma leitura foucaultiana, Achille Mbembe (2018) chamou de Necropolítica, o que é atualizado por ele como necroliberal (MBEMBE, 2020), uma política de morte cada vez mais pulsante no contemporâneo modelo vigente econômico à população majoritariamente pobre e preta.

Isto que lemos em termos de política de morte também pode ser afirmado enquanto uma negação? A princípio nos parece uma evidência de negação da continuidade da existência de determinados grupos de pessoas, de seus direitos, da sua humanidade. Negação da pluralidade de formas e necessidades de cada vida em suas singularidades. Esta forma "negaciocista" de governar é uma decisão política de morte, caminho este que parece se distanciar de uma pretensa noção de democracia, esta que parte das necessidades mais básicas e vitais das classes populares.

Se a democracia é fundada em três poderes harmônicos entre si, com o intuito de que um poder possa barrar os demais, uma autocracia, ou como vemos numa *recusa* da democracia, *nega* tal base constitutiva da lei. Neste terreno esbarramos com a filosofia do direito e o direito constitucional, que segundo cláusula pétrea[20], aquela que concede fundamento ao sistema de

[20] O próprio significante "pétrea" aponta para a ideia de "rocha da castração". Lembramos a existência de uma outra possibilidade de conceituar as noções de "democracia" e "direito". Em uma determinada perspectiva, a partir de Marx (2013; 2011a), ao associar as ideias de democracia e direito a Estado, não nos surpreendemos com o fato de que haja um Estado que é pouco, ou nada, preocupado com as demandas pungentes da sociedade, oriundas das camadas populares mais pauperizadas. O Estado, tal como é estruturado, existiria para atender os interesses da classe social detentora dos meios de produção, necessários para a produção da vida material e social. No que diz respeito ao conceito de democracia, encontramos em Lênin (1969) uma contribuição pertinente, de contraponto ao dito no corpo do texto. Se pretendemos ultrapassar a canônica concepção de democracia, ancorada no modo de produção do capital, e despreocupada com as iniquidades históricas, cumpre nos sustentarmos em uma democracia que tenha como horizonte as lutas da classe trabalhadora, bem como, a forte presença de seus organismos representativos.

justiça, limita o poder[21]. Neste viés, o que funda o vigor do poder é o próprio limite do poder, em que transigir com esta cláusula não é possível, uma vez que nela se circunda a imutabilidade.

Em políticas como essas, tal como a brasileira, parece haver uma recusa total à perda, a compreensão do poder enquanto limitado. A psicanálise, por sua vez, encontra esse princípio do direito na ideia de castração, apontando para uma perda que convém, uma perda necessária. Sobressaltamos, portanto, a importância de o Estado admitir a dimensão de falta, falta por exemplo de poder ou um furo dele, uma vez que se um Estado não compreende tal pressuposto, ele caminha em direção oposta à democracia. Entretanto, por outro lado, cabe-nos a pergunta, como poderia o Estado e a Justiça responder às demandas da população, sendo que, estes mormente são erigidos para atender os interesses daquela imensa minoria que está no poder nos representando (MARX, 2013; 2011b)? Não pretendemos responder esta pergunta, colocamo-la como um outro aspecto da discussão a ser contemplado em trabalhos posteriores.

Exemplificamos este mesmo fato no não reconhecimento das funções essenciais da ciência no combate à pandemia. Este pensamento é o que foge àquele próprio da democracia, pretendendo ser sem furo e sem falta. Neste não reconhecimento do limite ou da falta, um grupo de "fascinados" é capturado. O que vemos é uma forma de política/governo em negação dessa perda, que inclui também uma perda de alguns para se fazer justiça social. Seria possível uma democracia sem justiça social, isto é, sem perda? A psicanálise traz a ideia de que há um tipo de perda que é necessária, não aquela situada ao nível da conformação, mas uma perda fundamental, uma vez que funda um espaço vazio para a lei e o desejo (essa reflexão foi gerada a partir de um diálogo entre o psicanalista Luciano Elia e o vereador Reimont, da cidade do Rio de Janeiro, transmitido em um vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=WYJxC86_DMs).

Neste cenário recuperamos Antígona e os relativos apontamentos de Lacan servindo-nos do que ele nomeia como "segunda morte". Se em nome da Pólis, encarnando um tirano, Creonte submete Polinices a desumanização, entregando o seu corpo como carniça, Antígona, por outro lado, defendendo a humanidade do irmão, sustenta com inflexibilidade, que a ele seja prestado as homenagens funerárias, isto é, defende fazer valer a existência humana do irmão, a existência enquanto sujeito insubstituível. Isso que Antígona parece tentar fazer valer, fazendo sacrifício de si mesma, apoia-se em uma lei considerada por ela como uma lei superior que aquela admitida pelo tirano (SÓFOCLES, 2007). Poderíamos fazer uma aproximação entre a cláusula pétrea do direito, que anteriormente falávamos, e o inegociável funeral enquanto direito, garantido pelas leis dos deuses, como um ritual de passagem ao qual não se deveria ceder? Afinal, "A

[21] Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/clausula-petrea

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

desumanização de um homem é um crime contra a humanidade, e isso é inegociável" (PRATES, 2020). Creonte, por sua vez, em nome de Tebas seria aquele que opera uma segunda morte, definido como aquilo que:

> [...] se pode ainda visar depois que a morte está efetuada...afinal, a tradição humana jamais cessou de conservar presente essa segunda morte, vendo aí o término dos sofrimentos, assim como ela nunca cessou de imaginar um segundo sofrimento, sofrimento para além da morte, indefinidamente sustentado na impossibilidade de transpor o limite da segunda morte. E é por isso que a tradição dos infernos sempre permaneceu tão viva, e ainda é presente em Sade, com a ideia de fazer perpetuar os sofrimentos infligidos à vítima... (LACAN, 2008, p. 345).

Poderíamos articular isto que Lacan nomeia como segunda morte aos mortos sem sepultura[22], que acompanhando uma certa política instaurada desde a colonização transfigurada pelo Estado brasileiro em específicos momentos históricos, é atualizada novamente no cenário da pandemia? Se desde Creonte notadamente há um ponto estrutural observável na figura do tirano, podendo ser localizada em outros regimes totalitários, no Brasil há, em um funcionamento exponencial também verificável para além da pandemia, violência e assassinato consentido e realizado pelo próprio Estado, isto é, não se encontrando escamoteado na política atual.

A paixão que move Antígona, defendendo a existência humana de seu irmão, a coloca contra a paixão da ignorância (PRATES, 2020), representada pela figura do esquecimento, do não querer saber, do recalque, da negação. Aqui nos cabe relembrar o que Lacan situa como uma das paixões do ser, ao lado do amor e do ódio e não como uma ausência de saber (LACAN, 1998, p. 360), mas como um acesso para a formação do ser que precisa perder algo de si para aceder a linguagem. Retomamos mais uma vez a pergunta realizada: se por um lado sabemos que viver sem essa perda fundamental não é possível, quais são as consequências de não querer saber, principalmente naquilo que localizamos no âmbito social?

Nas muitas formas possíveis de negação, assim como pontua Lacan[23], entendemos que as consequências de não querer saber dos efeitos e gravidade do vírus tem por efeito a não admissão do estado atual da pandemia, do aumento do número de mortes e de suas não

[22] Aqui lembramos também da peça de Sartre (1965) com o mesmo nome.

[23] "É muito difícil compreender o que quer dizer isto, a negação. Se olharmos um pouco mais de perto, percebemos, em particular, que há uma variedade muito grande de negações, que são absolutamente impossíveis de reunir no mesmo conceito" (LACAN, 2008, p. 39).

ritualizações, constituindo lutos infindáveis[24] para aqueles que ficam, assim como uma repetição daquilo que nos parece ter como núcleo um cerne traumático da história da sociedade brasileira. Essa política tem por objetivo afirmar a existência de um sujeito enquanto carniça, estatística e banalidade, negando a sua existência enquanto humano, sujeito insubstituível.

Parece-nos que Antígona, a qual lembramos bem, é relançada por Lacan como um paradigma da ética psicanalítica: ao sustentar um compromisso essencial do ser humano com os costumes, as crenças e à história do seu povo, que é permitir o funeral, os ritos, a chance à elaboração do luto. Neste ponto de vista, a ética da psicanálise se contrapõe às condenações e mandatos aos moldes de Creonte, vai contra a política de avestruz e contra o que podemos observar nas políticas e governos que pontuamos. Esse horror ao saber, sustentado pela paixão da ignorância é em última instância o horror a não existência do *rapport* sexual (Lacan, 1973/2003), aquilo que só existiria entre gerações, relação da qual, não sem consequências, Antígona é filha/efeito.

## Momento de concluir

Levando em consideração as estatísticas atuais, acreditamos ser evidente a *recusa* do Estado brasileiro em reconhecer a real ameaça da pandemia COVID-19 às pessoas, sobretudo aos sujeitos que já sofrem outras violências cotidianas relacionadas à sua classe, raça, gênero e sexo. Perguntamos qual será a concepção de Saúde Mental, ou de Atenção ao sofrimento psíquico, a nortear a escuta dos psicanalistas e/ou dos trabalhadores precavidos pela Psicanálise.

A Saúde Mental aqui não poderá ser outra senão aquela que é tributária às Políticas Públicas sociais – a produção de saúde não desvinculada da vida material. Noutras palavras, a atenção ao que é mais básico e fundamental retornam ao seu lugar de onde nunca deveriam ter saído: a assistência social, o saneamento básico, o transporte, a cultura e a educação. Neste sentido há um reposicionamento da ideia liberal de democracia que desconsidera as iniquidades sociais e históricas.

Esses elementos da Atenção deveriam visar as populações e seus Territórios, sem distinção de valores em mérito, procurando priorizar os sujeitos em seus estados críticos e ameaçadores. É possível perceber que uma parte do nosso discurso, nesses dois primeiros

[24] Ideia que Butler (2019) desenvolve no livro "Vida Precária", ao defender a experiência do luto como ação política, possibilitando repensar, neste contexto, as políticas públicas e o papel do Estado, a maneira politicamente regulada como se reconhece a vida, a humanidade, a perda e a violência.

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

parágrafos de nossas considerações finais, está construído em um tempo verbal (futuro do pretérito do modo indicativo) que não corresponde com o que realmente está acontecendo?

Mais do que nunca reivindicamos ao nosso horizonte o resgate de uma economia social como parte do trabalho da economia psíquica. O que estamos querendo dizer com isso, todo ou qualquer tratamento ofertado aos sujeitos, principalmente na presente conjuntura, precisa reconhecer que para a constituição da vida e do laço social requer abrir mão daqueles objetos que tanto amávamos e nos fazia sentir completos. Essa é a condição para viver, assegurar o destino de nossos desejos nas relações sociais. E isso implica em saber que olhar para as vidas é admitir e se dar conta de que há um outro ao nosso redor. A nossa vida depende necessariamente da vida e do desejo do [O]outro. Notemos que isso não é o comum, em uma sociedade na qual o individualismo e o egoísmo imperam.

Uma consideração mais radical acerca dos eventos que eclodem no país com a pandemia seria quase que a constatação de que o mundo está sendo destruído e a maior preocupação está centrada no indivíduo que não se divide e que não admite quaisquer divisões: "Eu sou as Forças Armadas, não faço milagres, mas sou Messias. E daí, pessoas vão morrer mesmo, só não podemos esquecer da economia". Essa frase poderia ser a composição de afirmações de um representante político que foi eleito para representar os interesses do povo perante quaisquer situações, sobretudo em uma catástrofe pandêmica sem precedentes no século. Indagamos, o posicionamento representado no enunciado da oração está preocupado com a saúde humana ou a saúde financeira do país?

Embora este texto tenha o seu caráter denunciativo, e que sob o prisma do pensamento científico tal especificidade de teorização não seja apreciada, julgamos ser fundamental posicionamentos contundentes neste importante momento de crise sanitária vivido no mundo. No decorrer do artigo ensaiamos discussões em torno dos aspectos políticos, éticos e psíquicos, relativos ao fenômeno COVID-19 e as suas consequências. Compreendemos que este tripé representa um importante eixo de discussão que deveria interessar a Psicanálise. Se o analista deve estar à altura da subjetividade de sua época (LACAN, 1998), não caberia pensarmos sobre qual deveria ser o papel dos psicanalistas em situações como essas: de calamidade pública e de reconhecida ameaça à vida de pessoas?

## Referências

BUTLER, J. *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

CORREIA. S.; LUCK. S.; VERNER, E. Pandemics Depress the Economy, Public Health Interventions Do Not: Evidence from the 1918 Flu. *SSRN*, March 30, 2020. Disponível em: https://ssrn.com/abstract=3561560 or http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3561560. Acesso em: 04 de junho de 2020.

FLORENTINO, M. *Em costas negras*: uma História do Tráfico de Escravos Entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Unesp, 2015.

FREUD, S. Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas (1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III. Teoria geral das neuroses. 1917 [1916-1917]). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 361-378.

FREUD, S. *Notas a Projeto de uma Psicologia*: as origens utilitaristas da psicanálise. Rio de Janeiro, 2003.

FREUD, S. Pulsões e seus destinos. Edição bilíngue. In: FREUD, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol. Neurose; Psicose e Perversão. São Paulo: Autêntica. 2013.

FREUD, S. Carta 139 [69], de 21 de setembro de 1897. In: FREUD, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol. Neurose; Psicose e Perversão. Belo Horizonte: Autêntica. 2018, p. 47-50.

FREUD, S. Lembrar, repetir e perlaborar. In: FREUD, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol. Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica. 2018, p. 151 -164.

FREUD, S. A negação. In: FREUD, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol. Neurose; Psicose e Perversão. Belo Horizonte: Autêntica. 2018, 305-314.

FREUD, S. Construções em análise. In: FREUD, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, vol. Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica. 2018, p. 365-382.

FREUD, S. Psicologia da Massa e análise do eu. In: FREUD, S. Obras Incompletas de Sigmund Freud, vol., vol. O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 137-232.

GRAPPIN, P. *Dictionnaire moderne Français-Allemand. Larrouse*, 2007.

KLAJNMAN, D. VIVÉS, J. M. (2019). A tradução de *Die Verneinung* para o Português e uma nova hipótese. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 22, n. 2, 199-214. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142019000200199. Acesso em: 03 jun. 2020.

LACAN, J. *O Seminário, livro 22*: R. S. I. Tradução não publicada, 1974-75.

LACAN, J. Le moment de conclure. (inédit), 1977-78.

LACAN, J. *O Seminário, livro 17*: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, J. Jean Hyppolyte. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 325-364.

LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 325-364.

LACAN, J. *O seminário, livro 5*: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. Nota Italiana. In: Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p 311-315.

LACAN, J. Conferência: Joyce, o sintoma. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 560-566.

LACAN, J. *Seminário, livro 16*: de um outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. *O seminário, livro 20*: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. *O Seminário. Livro 19*: ...ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LÉNINE, V. *L'État et la révolution*. Moscou ; Paris : Editions sociales ; Editions du Progrès, 1969.

MARX, K. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARX, K. *O capital*: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo. 2013.

MARX, K. *Grundrisse*: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011a.

MARX, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1, 2018.

MBEMBE, A. In : https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml, 2020.

PEREIRA, J. C. *À flor da terra*: o cemitério dos pretos novos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.

PRATES, A. L. A tragédia do Brasil em 2020 e a atualidade de Antígona. Obtido em 11 de maio de 2020. Recuperado de https://jornalggn.com.br/artigos/a-tragedia-do-brasil-em-2020-e-a-atualidade-de-antigona-por-ana-laura-prates. Acesso em: 03 jun. 2020.

SARTRE, J-P. *Mortos sem Sepultura*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1965, p. 167.

SÓFOCLES. *Antígona*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Copyright © 2021. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS

SOUZA, J. *A elite do atraso*: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

*Recebido em 23 de setembro de 2021*
*Aceito em 28 de novembro de 2021*

Este artigo está licenciado sob a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Psicologia e Transdisciplinaridade.